

## A mágica de Sarney

**I**mpressionou o País o discurso que o presidente José Sarney pronunciou à noite de segunda-feira passada, pelo equilíbrio e concisão dos conceitos emitidos, em todas as suas passagens. Foi um pronunciamento muito bem articulado, montado profissionalmente, mas feito com inegável competência pelo chefe do Governo.

Um sucesso, em matéria de comunicação. Pela primeira vez, vencida a fase de emocionalismo com que foi aspirado para o lugar que ocupa, Sarney deixou a retórica, o discurso puro e simples, para conversar com a formidável assistência que uma cadeia nacional de televisão consegue reunir neste País, sempre que há interesse em torno do fato.

Equilibrado e seguro, como nunca esteve, Sarney teve sucesso em todos os aspectos — no diagnóstico da crise e na terapia que o Governo pretende aplicar. Os pontos essenciais do discurso exprimem o ponto de vista da maioria esmagadora do povo brasileiro, situando-se em uma base de absoluto equilíbrio em face dos conflitos ideológicos.

Aqueles cinco pontos a que Sarney se referiu, desde a construção de um regime democrático tolerante e civilizado até a preservação da soberania e independência são posições, não do chefe do Governo, mas das elites e de todo o povo. Quem poderá se insurgir contra a democracia, o desenvolvimento econômico, a independência e a soberania nacionais?

O País inteiro também quer manter razoáveis taxas de crescimento econômico, eliminar a prioridade que hoje tem a especulação financeira e obter uma fórmula de negociação com os nossos credores externos que afaste para bem longe a ameaça de um modelo de política econômico-financeira recessivo. Mas, como chegar a um acordo tão ambicioso com os nossos credores, quando nosso poder de barganha na mesa de negociação está enfraquecido pelo grave contencioso?

Mais do que isso, como conservar o combate à in-

flação, que Sarney considera absolutamente prioritário, com um incremento econômico da ordem de cinco por cento ao ano? E particularmente, como obter a boa vontade do Fundo Monetário Internacional e dos banqueiros para essa proposta, quando eles têm sido extremamente intransigentes com outros países que se acham em situação semelhante à brasileira?

É indiscutível que o pronunciamento agradou os aliados do Presidente da República, aflitos em ano eleitoral, obrigados a conviver com uma crise devastadora, e deixou os adversários sem bandeiras. Mas, é preciso agora acompanhar a evolução dos entendimentos do Governo brasileiro com a banca internacional para verificar a viabilidade da fórmula proposta pelo Presidente da República.

Até hoje, o FMI mostrou-se invariavelmente intolerante com países credores. Para todos impôs, invariavelmente, o mesmo modelo recessivo, reconhecidamente clássico demais para países pobres. E manteve essa atitude olímpica tratando com países africanos ou latino-americanos ou europeus. Nunca alterou essa posição.

Sarney conseguirá mudar o discurso dos banqueiros internacionais? A solução que vier a ser dada ao problema de nossa dívida externa é a pedra de toque de todos os outros problemas. O Brasil não terá condições de vencer a crise que ameaça sua destinação histórica se não obtiver uma fórmula de negociação razoável para sua formidável dívida externa, de acordo com uma opinião consensual, aqui e lá fora.

O Presidente da República recebeu o apelo da maioria esmagadora da Nação porque exprimiu suas inquietações e anseios. Resta saber se no frio jogo de números e interesses acabaremos fazendo valer nossa posição em face do poder de barganha infinitamente maior dos nossos credores estrangeiros.

TARCISIO HOLANDA